

Revisión

Estudos críticos sobre a relação psicoterapêutica na terceira força da Psicologia

ANA MARIA LOPEZ CALVO DE FEIJOO, GUILHERME DA SILVA SANT'ANNA

ANA MARIA LOPEZ CALVO DE FEIJOO
Doutora em Psicologia.
Instituto de Psicologia,
Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (IP, UERJ),
Rio de Janeiro, R. F. de Brasil.

GUILHERME DA SILVA SANT'ANNA
Psicólogo.
Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Social,
Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (PPGPS, UERJ).
Rio de Janeiro, R. F. de Brasil.

FECHA DE RECEPCIÓN: 15/02/2022
FECHA DE ACEPTACIÓN: 18/03/2022

A terceira força da Psicologia se constituiu dando um lugar central para a relação psicoterapêutica no processo psicoterápico. Investigamos o que três de seus autores mais influentes —Carl Rogers, Rollo May e Irvin Yalom—escreveram a esse respeito, a fim de compreender suas concepções de relação terapêutica. Cientes da parca produção científica no Brasil sobre o tema, julgamos fundamental elaborar aportes teóricos para uma análise crítica dos estudos desses autores. Para tal, a metodologia de pesquisa foi a revisão bibliográfica de textos clássicos produzidos por eles como literatura primária. Ademais, em uma literatura secundária, fizemos uma revisão narrativa das produções mais recentes da literatura sobre o tema, entre 2018 até 2021, nas bases SciELO, Google Scholar e PePSIC, com os seguintes descritores: *Rogers e relação terapêutica*; *May e relação terapêutica*; *Yalom e relação terapêutica*; *Rogers y relación terapéutica*; *May y relación terapéutica*; *Yalom y relación terapéutica*; *Rogers and therapeutic relationship*; *Rollo May and therapeutic relationship*; *Yalom and therapeutic relationship*. Com a revisão, alcançamos a seguinte conclusão: a tentativa dos autores da terceira força em elaborar prescrições sobre a relação terapêutica acaba por se mostrar insuficiente, pois é justamente na tentativa de separá-la do todo, que se desconsidera o «entre» da relação.

Palavras-chave: Relação terapêutica – Psicoterapia – Carl Rogers – Rollo May – Irvin Yalom.

Critical Studies on the Psychotherapeutic Relationship in the Third Force in Psychology

The third force of Psychology constituted itself conferring a central place for the psychotherapeutic relationship in the psychotherapeutic process. We investigated what three of its most influential authors —Carl Rogers, Rollo May and Irvin Yalom— wrote about it in order to understand their conceptions of therapeutic relationship. Due to the meagre scientific production on the subject in Brazil, it is essential to elaborate theoretical contributions for a critical analysis of these authors' studies. To this end, the research methodology was the bibliographic review of classical texts produced by them as primary literature. Moreover, in a secondary literature, we made a narrative review of the most recent productions of the literature on the subject – between 2018 and 2021, in the SciELO, Google Scholar and PePSIC databases, with the following descriptors: *Rogers and The Therapeutic Relationship*; *May and The Therapeutic Relationship*; *Yalom and The Therapeutic Relationship*. The review brought the following conclusion: the attempt of the third force authors to elaborate prescriptions on the therapeutic relationship ends up being insufficient, because it is precisely in the attempt to separate it from the whole that the "between" of the relationship is unconsidered.

Keywords: Therapeutic Relationship – Psychotherapy – Carl Rogers – Rollo May – Irvin Yalom.

CORRESPONDENCIA
Md, PhD. Guilherme Da Silva
Sant'Anna.
Instituto de Psicologia
Fenomenológico-Existencial do
Rio de Janeiro (IFEN).
Rua Barão de Pirassinunga,
62, Tijuca, CP20521-170.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
guilhermesantpsi@gmail.com

Introdução

A relação no encontro psicoterapêutico foi um tema privilegiado das perspectivas humanistas e existenciais em Psicologia, afluído como um mote característico da chamada terceira força da Psicologia. Os estudiosos dessas perspectivas conferiam a esse elemento uma relevância fundamental, considerando a relação psicoterapêutica como a decisiva promotora de mudanças naquele que se encontrava em conflito ou em sofrimento. Sem dúvida, esse aspecto do encontro clínico tampouco deixou de ser tema da Psicanálise freudiana.

Freud enfatizou a importância da transferência para disparar a análise propriamente dita, como podemos constatar no trecho em que o autor fala da relação entre analista e paciente na Psicanálise:

O paciente não se satisfaz com encarar o analista como conselheiro ou assistente, mas vê nele uma figura importante de sua infância e conseqüentemente transfere para ele sentimentos e reações que se aplicavam ao seu protótipo. Esse fato da transferência logo se demonstra importante [9, p. 278].

Desse modo, a importância reside no fato de que o processo analítico só pode ter êxito se essa situação aparecer na relação analista e paciente. E essa situação aparece quando o analista se relaciona mantendo a regra principal, isto é, com a possibilidade de o analista exigir que o paciente diga tudo que sabe sobre si.

Já para alguns teóricos da terceira força da Psicologia, a relação psicoterapêutica difere. Considerada fundamentalmente um relacionamento humano, ela é tão mais curativa quanto mais genuína [20]. Assim, não deve ser reduzida à repetição inconsciente de afetos anteriores transferidos ao psicoterapeuta, mas depende de algumas disposições do psicoterapeuta, como a de compreender empaticamente [22], de estar autenticamente presente [15] ou de estar genuinamente preocupado [26], por exemplo. Embora as concepções de relação terapêutica desses teóricos sejam distintas em relação à Psicanálise freudiana, parece-nos que elas também privilegiam um lado da relação no

que diz respeito ao seu estabelecimento e configuração, a saber, o lado do psicoterapeuta.

Neste artigo nos perguntamos: afinal, relação psicoterapêutica, encontro clínico, transferência – o que se quer dizer com isso? O que e de que modo cada um desses estudiosos da clínica psicológica disseram a esse respeito? Como se estabelece tal relação, a quem ou a que se deve esse estabelecimento?

Buscando responder a essas questões, iniciaremos por situar a terceira força da Psicologia, na qual a relação psicoterapêutica foi e segue sendo tema privilegiado de discussão entre os teóricos. Em seguida, a partir da revisão das produções textuais de Carl Rogers, Rollo May e Irvin Yalom, articulada a artigos de seus comentadores, buscaremos esclarecer o que cada um desses autores compreende por relação psicoterapêutica. Por fim, teceremos considerações críticas acerca das concepções de relação terapêutica apresentadas.

A terceira força da Psicologia: relação terapêutica como o cerne de psicoterapias humanistas e existenciais

A Psicologia do período posterior à segunda guerra mundial se encontrava dividida em duas forças principais: a Psicanálise e o Behaviorismo. A partir da insatisfação de alguns psicólogos com essas duas forças existentes, surgiu a terceira força da Psicologia nos Estados Unidos. A princípio, essa insatisfação era o ponto comum entre esses profissionais, encabeçados por Abraham Maslow.

By the late 1940s, Maslow was recognized as a talented experimental psychologist, but as he began exploring "unconventional" subjects he was ostracized by the psychological community. At Brooklyn College, where he first taught, he was very popular among the students, though he had little appreciation within his department [5, p. 23].

Maslow encontrava, cada vez mais, dificuldades para publicar seus estudos nas principais revistas da Associação Americana de Psicologia (APA), as quais eram compartilhadas com os

poucos outros psicólogos que não se alinharam com o Behaviorismo no início dos anos 50. Com isso, ele começou a contactar esses profissionais afins e montou uma lista de correspondência com 125 nomes em 1954, com o objetivo de compartilhar cópias de seus escritos [5]. A lista foi crescendo e, no início dos anos 60, as pessoas dessa lista se tornaram as primeiras assinantes do *Journal of Humanistic Psychology* e membros da American Association for Humanistic Psychology, como aponta DeCarvalho: «Discontented with the theory and practice of orthodox behavioristic science, Maslow's colleagues slowly emerged as a distinct group within psychology seeking the construction of a separate set of theories and research in psychology» [5, p. 24].

A proposta de Maslow era incorporar tanto a Psicanálise como o Behaviorismo em uma Psicologia mais ampla, de modo a superar o que ele considerava limitações das outras duas forças. No entanto, como um movimento emergente, a terceira força, a qual também seria chamada de Psicologia Humanista, contrapõe-se às teorias e práticas estabelecidas, criticando seus pontos fracos [28].

A crítica ao Behaviorismo se dava, principalmente, por conta da objetificação que ele operava ao estudar o humano. O Behaviorismo se aproxima mais do modelo positivista das ciências naturais, privilegiando o comportamento como um fenômeno observável, em vez da consciência.

La Psicología Humanista criticaba al Conductismo su estrechez de miras, su artificialidad y su incapacidad para suministrar una comprensión de la naturaleza humana. Su énfasis en la conducta manifiesta se consideraba deshumanizante: se equiparaba a los seres humanos a una rata blanca de gran tamaño o a un computador más lento (Bugental. 1967), hurtando así la consideración de lo más genuinamente psicológico y humano, esto es, la vivencia interior y la subjetividad. La Psicología Humanista rechaza la imagen de un organismo robotizado que responde mecánicamente a los estímulos que se le presentan. En definitiva, se opone al conductismo por considerarlo mecanicista, elementalista y reduccionista [28, pp. 72-73].

Já em relação à Psicanálise freudiana, a crítica da terceira força se direciona principalmente ao determinismo e a um irracionalismo, os quais favorecem que se subestime o papel da consciência.

Los psicólogos humanistas se sitúan también frente al psicoanálisis freudiano: estiman que es irracionalista y determinista. Esto es, entienden que subvalora el papel de la conciencia en la comprensión de la conducta y que el ser humano resulta, en este enfoque, un sujeto sometido a oscuras motivaciones inconscientes. Critican, además, que la fuente de esa imagen de los seres humanos sea fundamentalmente el estudio de personas aquejadas de problemas neuróticos y psicóticos, cuya personalidad tiene un funcionamiento más similar al de los niños que al de los seres adultos, sanos y normales. De este modo, según los psicólogos humanistas, no se tenían en cuenta atributos y virtudes realmente constitutivos de la psicología humana, derivando ello hacia un reduccionismo de la realidad psíquica tan negativo como el operado por el conductismo [28, p. 73].

Em comum, o reducionismo e mecanicismo presentes nas outras duas forças incomodavam os teóricos da Psicologia Humanista. No caso do Behaviorismo, a redução da experiência humana a estímulos e respostas e, no caso da Psicanálise, a redução a uma estrutura psíquica subordinada à instância inconsciente.

En el plano teórico-conceptual, la Psicología Humanista desestima el reduccionismo y mecanicismo que caracterizan tanto al psicoanálisis como al conductismo (...). También rechaza su orientación anclada en el pasado, que los lleva a comprender la conducta y/o el psiquismo en su relación necesaria con eventos pasados, por lo general situados en la infancia. Frente a esta inclinación, el nuevo movimiento resitúa los fenómenos en el presente y representa una vuelta al interés por la conciencia, obliterada durante más de medio siglo, o incluso rechazada por la orientación experimentalista del conductismo, y por la orientación analítica de la psicología profunda [28, p. 74].

O caminho trilhado pelos pensadores da terceira força foi, então, o de fundamentar uma

Psicologia com pressupostos das filosofias humanistas e existenciais, sendo estes uma espécie de denominador comum entre as diversas abordagens que compunham essa força.

O movimento humanista em Psicologia acabou por reunir diferentes perspectivas teóricas. Essa união ocorreu, em primeiro lugar, pelas divergências e críticas às duas primeiras forças e, em segundo, pelo desenvolvimento de temáticas em comum, tais como self, saúde psicológica, bem-estar, potencial humano de crescimento, autorrealização, capacidades e potencialidades exclusivas do ser humano, criatividade, amor, sentimentos, identidade, vontade, coragem, liberdade, responsabilidade, valores superiores, transcendência do ego, significados, intencionalidade, experiência subjetiva, encontro genuíno, entre outros [8, p. 265].

A inspiração no pensamento humanista e existencial influenciou na compreensão que se faz do ser humano. Bugental [3], em *The Third Force in Psychology*, propõe 5 postulados que representariam os elementos comuns nas perspectivas da maioria dos autores que se identificam com a Psicologia Humanista, a saber: que uma pessoa, enquanto tal, é mais do que a soma de suas partes; que as relações humanas nos constituem enquanto seres humanos; que uma pessoa tem consciência; que temos escolha; e que somos intencionais [cfr. 3, p. 23-24].

DeCarvalho [5] salienta a importância que a imagem de natureza humana teve para a Psicologia Humanista, a qual fundamentou as noções de método e da própria caracterização da Psicologia, bem como as críticas direcionadas à Psicanálise e ao Behaviorismo:

Humanistic psychologists shared a conviction that a person is a "being-in-the-process-of-becoming." A person at his or her best, they said, is proactive, autonomous, choice-oriented, adaptable, and mutable, indeed, continuously becoming. Each human being, they argued, is a unique organism with the ability to direct, choose, and change the guiding motives or "project" of life's course. In the process of becoming, one must assume the ultimate responsibility for the individualization and

actualization of one's own existence. To reach the highest levels through the process of becoming, an individual must be fully functioning (Rogers) or functionally autonomous (Allport); the self must be spontaneously integrated and actualizing (Maslow); there must be a sense of self-awareness, centeredness (May), and authenticity of being (Bugental). Humanistic psychologists believed that the process of becoming was never simply a matter of genetics, biology, or the contingencies of external reinforcement, and were convinced that the rejection of becoming was a psychological illness that should be the main concern of psychotherapy [5, p. 38-39].

Essa outra compreensão do ser humano influenciou também no que se entende por psicoterapia, seus elementos constitutivos e a importância deles no processo. A relação humana entre paciente/cliente e terapeuta passa a ser, para diversos autores, o elemento central da psicoterapia, ao passo que as interpretações que o terapeuta possa fazer daquilo que o paciente diz, ou intervenções técnicas, por exemplo, passam a um segundo plano. Bugental [2], num dos primeiros textos a abordar os postulados da Psicologia Humanista, indica a relevância da relação terapêutica: «Diagnostic information is inevitably part-function information, while psychotherapy that is most effective is whole-person, relationship centered. Diagnostic information is knowledge about the patient, the most effective psychotherapy requires knowledge of the patient» [2, p. 566-567]

Rice e Greenberg [cfr. 20, p. 219], em seu estudo sobre abordagens humanistas e existenciais na Psicologia, salientam a crença compartilhada entre humanistas da importância de um relacionamento humano genuíno como um agente de cura em si mesmo.

The humanistic approaches all dispute the claim that the relationship between the client and the therapist can be reduced to an unconscious repetition of previous attachments. Rather, they propose that a real relationship is developed between the participants and that this real relationship provides a new interpersonal experience for the client. (...) Existentialists consider that a real relationship between client and therapist is a crucial ingredient of therapy.

The relationship is difficult to define because it is an essential kind of being in the therapy. May has emphasized "presence" on the part of the therapist, who must be fully present and strive for an authentic human encounter with the client. Psychotherapy then, is first and foremost a unique form of being together, in which "being-with" the client is an essential ingredient (Craig, 1986; Moustakas, 1986). For May and Yalom it is a very direct, nonformal relationship of equals in which first names are used, and therapists are free to share their own feelings. They view this real, authentic encounter as a change agent in itself. The experience of the relationship is an example of a kind of intimacy from which the client can learn how fulfilling it is to be cared about (Yalom, 1981) [20, pp. 212-213].

Sobre esse tipo de relacionamento especial percorreram Carl Rogers, Rollo May, Irvin Yalom, entre outros. Esses autores não só salientam a importância da relação terapêutica, mas a consideram como o principal elemento da psicoterapia, por ser propriamente o que a proporcionaria a capacidade de ser terapêutica. Neste artigo vamos nos deter nos trabalhos de Carl Rogers, Rollo May e Irvin Yalom por conta da relevância que dão à relação terapêutica em seus escritos, em conjunto com a influência desses autores nas práticas de psicoterapeutas. Essa influência aparece no cenário estadunidense, mas não se restringe a ele.

Berdondini, Cooper e Correia [4] realizaram uma pesquisa internacional buscando identificar autores e textos mais influentes na prática de psicoterapeutas existenciais. Eles aplicaram questionários a terapeutas de vários países e encontraram que Yalom e May aparecem entre os psicoterapeutas mais influentes, junto a nomes como Viktor Frankl, Ernesto Spinelli, e Emmy van Deurzen. Diversos livros de Yalom e a obra *Existence*, de Rollo May com colaboradores, são apontados como textos influentes por psicoterapeutas existenciais nesse estudo.

No que diz respeito a Carl Rogers, Kirschenbaum e Jourdan [13] ressaltam seu pioneirismo junto a seus colegas em gravar, transcrever e publicar casos completos de psicoterapia. A partir das gravações, Rogers

«conducted and sponsored more scientific research on psychotherapy than had ever been undertaken before» [13, p. 37]. Além disso, os autores investigam a influência de Carl Rogers, concluindo que

the person-centered approach, which holds the therapeutic relationship as central and essential to effective counseling and psychotherapy, is alive and well. Although relatively few therapists describe themselves as primarily client-centered in their orientation, client-centered principles permeate the practice of many, if not most, therapists. Various schools of psychotherapy increasingly are recognizing the importance of the therapeutic relationship as a means to, if not a core aspect of, therapeutic change [13, p. 48].

Pudemos ver, até agora, um breve histórico da terceira força da Psicologia, a qual se contrapunha e buscava suplantar as outras duas forças. Nela, viriam a surgir as propostas psicoterapêuticas humanistas e existenciais, as quais se baseariam em outras concepções de ser humano e de terapia, o que, por sua vez, determinou a importância da relação psicoterapêutica como parte crucial do processo da psicoterapia. Mencionamos três autores da terceira força que se detiveram especialmente sobre essa temática da relação psicoterapêutica, os quais permanecem influentes ainda hoje. A seguir, apresentaremos as elaborações de cada um desses três autores sobre a relação terapêutica em detalhe, de modo a compreendermos o que é considerado característico dessa relação para cada um deles.

Carl Rogers e a Abordagem Centrada na Pessoa

Carl Rogers foi um psicólogo com destaque não só na terceira força da Psicologia, mas na Psicologia como um todo. Ele chegou a ser presidente da APA em 1947 e a ser premiado por seus estudos em clínica psicológica. Ele é conhecido por ter desenvolvido a Abordagem Centrada na Pessoa, em contraposição às abordagens behaviorista e psicanalítica. Neres et. al. escrevem a respeito dessa diferença:

Rogers (1992) explica que, quando o terapeuta participa da relação com seu cliente fazendo interpretações e avaliando, suas distorções

participam com ele, mas quando o terapeuta tenta compreender o cliente de forma completa, é menos provável que ocorram distorções e desajustes; e para que a empatia exista na relação, é importante que o psicoterapeuta esteja atento ao que seu cliente está sentindo [18, pp. 1-2].

Assim, a abordagem de Rogers busca valorizar a relação entre a pessoa e o terapeuta como o agente de mudança, em contraposição às abordagens psicoterápicas com perspectivas mais técnicas ou psicopatológicas. Seus estudos tinham uma preocupação empírica, patente não só no pioneirismo de Rogers em gravar atendimentos psicoterápicos na década de 1940, mas também nas análises empreendidas por Rogers de sua própria experiência clínica e de pesquisas de outros estudiosos [22, 23].

Rogers, em sua obra exemplar sobre o tema *Tornar-se Pessoa*, desenvolve a sua tese sobre a relação com maestria. Ele diz: «Tenho há muito tempo a profunda convicção – que alguns diriam ser em mim obsessão – de que a relação terapêutica é apenas uma forma de relação interpessoal em geral, e que as mesmas leis regem todas as relações desse tipo» [22, p. 53]. Rogers, então, acrescenta que essa relação se compõe por dois ou mais membros e que um deles atua no sentido de poder promover no(s) outro(s) ou em ambos «uma maior apreciação, uma maior expressão e uma utilização mais funcional dos recursos internos latentes do indivíduo» [22, p. 53]. O objetivo da relação psicoterapêutica corresponde, portanto, à promoção do crescimento daquele que por algum motivo se encontra paralisado no que diz respeito ao seu potencial para a autorrealização.

Podemos perceber a influência do humanismo quando Rogers, um dos pioneiros do pensamento humanista em Psicologia, parte da ideia de que os indivíduos possuem recursos internos latentes mais bem utilizados e expressos em determinadas condições. Assim, Rogers considera a relação terapêutica capaz de favorecer a emergência desses recursos latentes.

A relação que considerei útil é caracterizada por um tipo de transparência de minha parte,

onde meus sentimentos reais se mostram evidentes; por uma aceitação desta outra pessoa como uma pessoa separada com valor por seu próprio mérito; e por uma compreensão empática profunda que me possibilita ver seu mundo particular através de seus olhos. Quando essas condições são alcançadas, torno-me uma companhia para o meu cliente, acompanhando-o nessa busca assustadora de si mesmo, onde ele agora se sente livre para ingressar [22, p. 47].

Esse estudioso, na tentativa de reunir provas empíricas que confirmam a sua hipótese acerca das atitudes do psicoterapeuta que são facilitadoras de promoção de um crescimento do cliente, mostra-nos evidências de que atitudes de ajuda favorecem o crescimento. E a partir disso, faz a seguinte pergunta: «Como poderei criar uma relação de ajuda?» [22, p. 62]. A resposta a essa questão segue de forma objetiva: 1) O psicoterapeuta deve ser congruente – ou seja deve ser uma pessoa unificada e integrada, ou seja, deve sustentar uma adequação entre consciência, atitude e sentimento – assim o psicoterapeuta torna-se transparente, transmitindo ao outro que ele pode ter confiança no psicoterapeuta; 2) O psicoterapeuta deve ganhar independência do olhar do outro, para assim libertar-se e, então, compreender e aceitar o outro como ele é- e não tomando a si mesmo como modelo para o modo que o outro deveria ser; 3) e, assim, poder compreender e comunicar com clareza o sentido da experiência que lhe traz o paciente; 4) ser capaz de agir na relação com tamanho cuidado que em momento nenhum apareça para o paciente como alguém ameaçador [22].

Em seu artigo *The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change*, Rogers propõe seis condições mínimas para a mudança terapêutica da personalidade.

For constructive personality change to occur, it is necessary that these conditions exist and continue over a period of time: 1. Two persons are in psychological contact. 2. The first, whom we shall term the client, is in a state of incongruence, being vulnerable or anxious. 3. The second person, whom we shall term the therapist, is congruent or integrated in the

relationship. 4. The therapist experiences unconditional positive regard for the client. 5. The therapist experiences an empathic understanding of the client's internal frame of reference and endeavors to communicate this experience to the client. 6. The communication to the client of the therapist's empathic understanding and unconditional positive regard is to a minimal degree achieved. No other conditions are necessary. If these six conditions exist, and continue over a period of time, this is sufficient. The process of constructive personality change will follow [23, p. 96].

Em síntese, as recomendações para o terapeuta são as de que seja congruente ou integrado no relacionamento, tenha uma consideração positiva incondicional e compreenda empaticamente o cliente. No que diz respeito à congruência, Rogers enfatiza importância de que haja transparência por parte do terapeuta, considerando que isso contribui para que o cliente possa, por sua vez, descobrir em si mesmo o que há de verdadeiro. Em suas palavras:

Cheguei à conclusão que somente quando sou capaz de ser uma pessoa transparentemente real, e assim sou percebido pelo meu cliente, poderá ele descobrir o que há de real em si mesmo. Então minha empatia e aceitação podem ser efetivas. Quando sou incapaz de ser o que realmente eu sou, então não consigo atingir o objetivo da terapia. A essência da terapia, como vejo ser conduzida por mim próprio e por outros, é um encontro de duas pessoas, no qual o terapeuta é aberta e livremente ele próprio e evidencia isto talvez mais completamente, quando ele pode livre e com receptividade entrar no mundo da outra [21, p. 100].

Já a chamada consideração positiva incondicional tem a ver com uma disposição de acolhimento que não julga, além de considerar o cliente como uma pessoa separada, com direito às próprias experiências. Por «consideração positiva incondicional», Rogers quer dizer que

There are no conditions of acceptance, no feeling of "I like you only if you are thus and so." It means a "prizing" of the person, as Dewey has used that term. It is at the opposi-

te pole from a selective evaluating attitude—"You are bad in these ways, good in those." It involves as much feeling of acceptance for the client's expression of negative, "bad," painful, fearful, defensive, abnormal feelings as for his expression of "good," positive, mature, confident, social feelings, as much acceptance of ways in which he is inconsistent as of ways in which he is consistent. It means a caring for the client, but not in a possessive way or in such a way as simply to satisfy the therapist's own needs. It means a caring for the client as a separate person, with permission to have his own feelings, his- own experiences. One client describes the therapist as "fostering my possession of my own experience . . . that [this] is my experience and that I am actually having it: thinking what I think, feeling what I feel, wanting what I want, fearing what I fear: no 'ifs,' 'buts,' or 'not reallys.'" This is the type of acceptance which is hypothesized as being necessary if personality change is to occur [23, p. 98].

Schmid reconhece as três condições rogerianas —empatia, congruência, e consideração positiva incondicional— como três dimensões de uma mesma atitude, a qual o autor denomina «presença» [25, p. 204]. É através dessa presença, a qual pode se dar na psicoterapia ou em outras relações, que diferentes formas de incongruência podem ser superadas. Encontramos, nas palavras de Rogers, considerações semelhantes a essa:

Assuming a minimal mutual willingness to be in contact and to receive communications, we may say that the greater the communicated congruence of experience, awareness, and behavior on the part of one individual, the more the ensuing relationship will involve a tendency toward reciprocal communication with the same qualities, mutually accurate understanding of the communications, improved psychological adjustment and functioning in both parties, and mutual satisfaction in the relationship. Conversely, the greater the communicated incongruence of experience, awareness, and behavior, the more the ensuing relationship will involve further communication with the same quality, disintegration of accurate understanding, lessened psychological adjustment in both parties, and mutual dissatisfaction in the relationship [24, p. 240].

A partir da leitura dos textos de Carl Rogers e de seus comentadores concluímos que a relação psicoterapêutica para ele conjuga determinadas disposições por parte do psicoterapeuta, como: congruência entre pensamento e expressão, consideração positiva incondicional e compreensão empática. Ele julga que, cumpridas essas condições, a relação torna a terapia mais efetiva, ou, como diz Schimid: a relação ela mesma é a terapia [cfr. 25, p. 204]. Dessa forma, a relação condicionada por essas disposições do psicoterapeuta leva o paciente a atingir os objetivos terapêuticos de maior expressão e utilizar mais funcionalmente seus recursos latentes.

Rollo May e a Psicologia Existencial

Rollo May foi um psicólogo estadunidense presente desde o início da terceira força que fazia parte da lista de correspondência elaborada por Abraham Maslow. Também descontente com as outras teorias psicológicas, May participou como editor do primeiro jornal da terceira força, o *Journal of Humanistic Psychology*.

May deixa clara a influência que o pensamento de Sören Kierkegaard teve no desenvolvimento de suas elaborações a respeito da Psicologia e psicoterapia. Kierkegaard, pensador dinamarquês conhecido como um dos precursores do existencialismo, escreveu diversas obras por meio de pseudônimos. Seu livro *O Conceito de Angústia*, assinado por Vigilius Haufniensis, acompanhou Rollo May nos meses em que este passou no sanatório, recuperando-se da tuberculose. A influência do dinamarquês aparece, por exemplo, em *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, quando May se inspira na concepção de que a verdade não é completamente objetiva, mas se encontra numa relação. Com isso, argumenta que o suposto distanciamento científico não é possível nem desejável na situação da psicoterapia.

The fact that the therapist participates in a real way in the relationship and is an inseparable part of the "field" does not, thus, impair the soundness of his scientific observations. Indeed, can we not assert that unless the therapist is a real participant in the relationship and consciously recognizes this fact, he will

not be able to discern with clarity what is in fact going on? The implication of this "manifesto" of Kierkegaard is that we are freed from the traditional doctrine, so limiting, self-contradictory, and indeed often so destructive in psychology, that the less we are involved in a given situation, the more clearly we can observe the truth. The implication of that doctrine was, obviously enough, that there is an inverse relation between involvement and our capacity to observe without bias. And the doctrine became so well-enshrined that we overlooked another one of its clear implications, namely, that he will most successfully discover truth who is not the slightest bit interested in it! No one, of course, would argue against the obvious fact that disruptive emotions interfere with one's perception. In this sense it is self-evident that anyone in a therapeutic relationship, or any person observing others, for that matter, must clarify very well what his particular emotions and involvement are in the situation. But the problem cannot be solved by detachment and abstraction. That way we end up with a handful of sea foam; and the reality of the person has evaporated before our eyes. The clarification of the pole in the relationship represented by the therapist can only be accomplished by a fuller awareness of the existential situation, that is, the real, living relationship. When we are dealing with human beings, no truth has reality by itself; it is always dependent upon the reality of the immediate relationship [15, p. 27].

May se mostra especialmente interessado em esclarecer o embasamento que sustenta a ciência e a prática desempenhadas pelos psicoterapeutas existenciais. Ele parte da ideia de que «cada método se baseia em certas pressuposições sobre a natureza do homem, a natureza de sua experiência, e assim por diante. Essas pressuposições estão parcialmente condicionadas por nossa cultura e pelo momento particular na história onde nós nos situamos» [16, p. 29]. Nesse sentido, busca evidenciar os pressupostos não com a intenção de se livrar totalmente deles, mas de não os dogmatizar.

Ninguém –físico, psicólogo ou qualquer um outro– pode escapar desse revestimento historicamente condicionado. A única maneira em que nós podemos evitar que as pressuposições, que

suportam nosso método particular desviem indevidamente nossos esforços, é conhecer conscientemente quais são eles e assim não absolutizá-los ou dogmatizá-los. Por isso, nós temos ao menos uma chance de abstermos-nos de forçar nossos sujeitos ou pacientes em nossos "divãs procustianos" e cortar, ou recusar ver, o que não convém [16, p. 30].

Desse modo, não sendo a terapia uma mera questão de técnica, o terapeuta ele mesmo deve considerar o «chamado do Dasein», isto é, estar comprometido com a compreensão de que nós humanos nos constituímos no mundo com os outros [19]. Daí a importância de analisar os pressupostos da prática psicoterápica, para não considerá-los absolutos. Em sua análise, May define como um dos fundamentos existenciais da psicoterapia a relação entre duas pessoas que compartilham um mundo.

Nossa unidade de estudo é, antes de mais nada duas-pessoas-existentes-em-um-mundo, o mundo no momento sendo representado pelo consultório do terapeuta. Para estar seguro, o paciente traz à baila todos os seus problemas, sua "doença", sua história passada, e tudo o mais, simplesmente porque é uma parte integral dele mesmo. Mas o que é importante é que um dado que tem realidade na ocasião é que o paciente cria um determinado mundo no consultório, e é no contexto deste mundo que alguma compreensão do paciente pode surgir. Este mundo e sua compreensão são alguma coisa de que ambas as pessoas, paciente e terapeuta, participam. Nosso ponto aqui tem implicações de grande alcance, não somente porque ele se relaciona diretamente com nossa pesquisa e prática em psicoterapia, mas também porque ele sugere as linhas mestras de um enfoque existencial para a ciência [16, p. 84-85].

Como decorrência da ideia de que a compreensão do paciente pode surgir na relação, May destaca a importância da presença, ou seja, o modo como o terapeuta se dispõe na relação.

The third implication in existential therapy is the emphasis on presence. By this we mean that the relationship of the therapist and patient is taken as a real one, the therapist

being not merely a shadowy reflector but an alive human being who happens, at that hour, to be concerned not with his own problems but with understanding and experiencing so far as possible the being of the patient. The way was prepared for this emphasis on presence by our discussion above of the fundamental existential idea of truth-in-relationship. It was there pointed out that existentially truth always involves the relation of the person to something or someone and that the therapist is part of the patient's relationship "field." We indicated, too, that this was not only the therapist's best avenue to understanding the patient but that he cannot really see the patient unless he participates in the field [15, p. 80].

Vemos, assim, a importância que May dá à presença, ao modo como o psicoterapeuta se envolve no campo e analisa esse mesmo envolvimento. Nas palavras de Ratner:

The therapist needs to be present, to have a "there," and to be conscious of her or his own existence as well as present to the client, the subtleties of interaction and expression, in order to engage fully in an authentic way. This adds an energy and dimension to the therapy that over time, I believe, can awaken the client's own knowing, and even his or her own willing [19, p. 3].

Rollo May escreve sobre os diferentes níveis desse encontro entre paciente e terapeuta. Ao falar do conceito de encontro, ele se refere

Speaking now more concretely of the concept of encounter, I mean it to refer to the fact that in the therapeutic hour a total relationship is going on between two people which includes a number of different levels. One level is that of real persons: I am glad to see my patient (varying on different days depending chiefly on the amount of sleep I have had the night before). Our seeing each other allays the physical loneliness to which all human beings are heir. Another level is that of friends: we trust-for we have seen a lot of each other-that the other has some genuine concern for listening and understanding. Another level is that of esteem, or agape, the capacity which inheres in Mitwelt for self-transcending concern for another's welfare. Another level will be frankly

erotic. When I was doing supervision with her some years ago, Clara Thompson once said to me something I've often pondered, that if one person in the therapeutic relationship feels active erotic attraction, the other will too. Erotic feelings of his own need to be frankly faced by the therapist; otherwise he will, at least in fantasy, act out his own needs with the patient. But more importantly, unless the therapist accepts the erotic as one of the ways of communication, he will not listen for what he should hear from the patient and he will lose one of the most dynamic resources for change in therapy [17, p. 21-22].

Como pudemos ver, May considera o encontro como uma expressão do ser, o qual se estabelece em diferentes níveis: o *nível de pessoas reais* (momento desse encontro em que uma relação total e específica se estabelece entre o paciente e o psicólogo e que traz alegria e suaviza a solidão); o *segundo nível* é de amigos (em que os muitos encontros mostram que há um interesse genuíno em escutar e entender o que o outro tem a dizer); o *terceiro nível* é o erótico («que deve ser aceito pelo terapeuta se ele pretende ouvir compreensivamente e também se ele pretende valer-se do recurso dinâmico para a mudança») [16, p. 20]; e o *quarto nível* diz respeito à estima que se refere à «precaução auto transcendente pelo bem-estar do outro» [16, p. 20].

Now this total encounter, which can be our most useful medium of understanding the patient as well as our most efficacious instrument for helping him open himself to the possibility of change, seems to me to have the resonant character of two musical instruments. If you pluck a violin string, the corresponding strings in another violin in the room will resonate with corresponding movement of their own. This is an analogy, of course: what goes on in human beings includes that, but is much more complex. Encounter in human beings is always to a greater or lesser extent anxiety-creating as well as joy-creating. I think these effects arise out of the fact that genuine encounter with another person always shakes our self-world relationship: our comfortable temporary security of the moment before is thrown into question, we are opened, made tentative for an instant—shall we risk ourselves, take the chance to be enriched by this new relationship

(and even if it is a friend or loved one of long standing, this particular moment of relationship is still new) or shall we brace ourselves, throw up a stockade, block out the other person and miss the nuances of his perceptions, feelings, intentions? Encounter is always a potentially creative experience; it normally should ensue in the expanding of consciousness, the enrichment of the self. (I do not speak here of quantity—obviously a brief meeting may affect us only slightly; indeed, I do not refer to quantities at all, but to a quality of experience.) In genuine encounter both persons are changed, however minutely. C. G. Jung has pointed out rightly that in effective therapy a change occurs in both the therapist and the patient; unless the therapist is open to change the patient will not be either [17, p. 21-22].

Em suma, a relação terapêutica para Rollo May corresponde ao lugar onde a compreensão mais verdadeira do paciente pode se dar, em contraposição às abordagens que consideram haver uma verdade objetiva, passível de antecipação por procedimentos técnicos. Também, May chama a atenção para a inserção do terapeuta nessa relação, considerando que seu envolvimento afetivo é inevitável e, portanto, não se deve tentar suprimi-lo, mas sim buscar que seja genuíno. O encontro genuíno, em seus diferentes níveis, é considerado como possibilitador de transformações.

Irvin Yalom e a Psicoterapia Existencial

Irvin Yalom é um psiquiatra estadunidense influente não só no campo da psicoterapia existencial, na qual foi um dos pioneiros. Além disso, ele também conquistou notoriedade como escritor. Seu livro *Love's Executioner: And Other Tales of Psychotherapy* alcançou a lista dos mais vendidos nos Estados Unidos em 1989, seu ano de publicação. Ao ressaltar o pioneirismo de Yalom, Berry-Smith aponta que:

Yalom (1980) was the first to complete a manual, Existential Psychotherapy, which delivered both theoretical structure and practical techniques for an approach that he says, is not a modality in itself, but a philosophical stance for all psychotherapists, psychologists, and counsellors, regardless of their theoretical bias. [1, p. 1]

Na investigação de Correia, Cooper e Berdondini [4], a qual buscava identificar os autores e textos mais influentes nas práticas de psicoterapeutas existenciais, Yalom se encontra entre os três autores principais, e seu livro *Existential Therapy* também entre os três textos mais influentes nas práticas desses profissionais.

A influência de Yalom no campo das psicoterapias existenciais e na terceira força da Psicologia como um todo, em conjunto com a relevância que o psiquiatra confere à relação terapêutica, justificam que nos detenhamos em seus estudos. Podemos ver a importância da relação terapêutica para ele no trecho:

É o relacionamento que cura, o relacionamento que cura — meu rosário profissional. Frequentemente digo isso aos alunos. E também digo outras coisas, sobre a maneira de se relacionar com um paciente — consideração positiva incondicional, aceitação sem julgamento, comprometimento autêntico, compreensão empática [27, p. 101-102].

Para Yalom a relação terapêutica é considerada como o centro da psicoterapia, como aquilo capaz de curar. Não apenas isso, mas que o processo de mudança ocorre por conta dessa relação, como decorrência das disposições do terapeuta.

An accepting, trusting patient-therapist relationship is crucial to the process of change. As a result of the therapist's concern and unconditional regard, the patient's self-love and self-regard gradually increase [26, p. 339].

São perceptíveis as semelhanças com o pensamento de Carl Rogers, o qual Yalom cita em seu livro *Existential Psychotherapy*, endossando a ideia de que são importantes características terapêuticas «empathy, genuineness, and positive, unconditional regard; and considerable research evidence indicates that these characteristics facilitate positive therapy outcome» [26, p. 409]. Porém, Yalom também escreve, ao seu modo, sobre o estabelecimento da relação terapêutica, o qual depende de algumas disposições do terapeuta.

In summary, the therapist relates to the patient in a genuine caring fashion and strives to achieve moments of authentic encounter. The therapist should be selfless in this endeavor—that is, concerned with the patient's growth and not with his or her personal needs. The therapist's caring should be indestructible and not dependent upon reciprocal caring by the patient. The therapist should be able to be both with himself or herself and with the patient and should thus be able, in caring, to enter the patient's world and to experience it as the patient experiences it. This requires the therapist to approach the patient without presuppositions, to focus on the project of sharing the patient's experience without rushing in to judge or stereotype the patient [26, p. 409].

Além da preocupação genuína e de uma aproximação sem pressupostos, Yalom ressalta que o encontro entre paciente e terapeuta possui uma dimensão afetiva. Desse modo, considera que não existe a possibilidade de o terapeuta não se envolver afetivamente, de participar da vida do paciente em certa medida.

Esse encontro, o verdadeiro âmago da psicoterapia, é um encontro afetivo, profundamente humano entre duas pessoas, uma delas (geralmente, mas nem sempre, o paciente) mais perturbada do que a outra. Os terapeutas possuem um duplo papel: devem tanto observar quanto participar da vida de seus pacientes. Como observadores, devem ser suficientemente objetivos para oferecer a orientação rudimentar necessária ao paciente. Como participantes, entram na vida do paciente, são afetados por ela e, algumas vezes, modificados pelo encontro [27, p. 21].

Ainda nesse tópico relativo ao encontro em psicoterapia e em contraposição a uma abordagem tecnicista, Yalom escreve que «one helps the other unfold not by instruction but by "meeting," by "existential communication." The therapist is not a director, not a shaper, but is instead a "possibilitator"» [26, p. 409]. Para ele, esse encontro, a própria relação terapêutica é mais relevante que qualquer técnica que possa ser utilizada. «To an existential therapist, when "technique" is made paramount, everything is lost because the very essence of the authentic relationship is

that one does not manipulate but turns toward another with one's whole being» [26, p. 409-410].

A importância da relação terapêutica para Yalom é apontada também por Jacintho, ao afirmar que

[...] toda a obra de Yalom, seja ela literária ou teórica, está fundamentada na percepção e no entendimento de que todos os seres humanos enfrentam esses quatro grandes dilemas da existência humana [Morte, Liberdade, Isolamento e Falta de Significado] e que o confronto com os mesmos, ligado à empatia da relação terapêutica é a única forma de superação [12, p. 15].

Enfim, podemos afirmar que, para Irvin Yalom, a relação se constitui como o mais central na psicoterapia, como aquilo que tem a capacidade de ser curativo. Assim sendo, há algumas disposições do psicoterapeuta que propiciam tal relação, como a aproximação sem pressupostos, a preocupação genuína, a aceitação sem julgamento. Yalom aponta também para problemas na efetivação desses princípios, uma vez que aspectos concretos da psicoterapia, como uma duração de tempo predeterminada e um valor monetário de pagamento, por exemplo, são dissonantes a eles.

There is an inescapable dissonance in the world of the therapist: no amount of polishing and lubricating make concepts like "friendship," "love," and "I-Thou" fit comfortably with other concepts like "fifty-minute sessions," "sixty-five dollars an hour," "case conferences," and "third-party payments." This incongruity is built into the therapist's, and the patient's, "situation" and cannot be denied or ignored [26, p. 407].

O projeto do "tratamento" psiquiátrico é repleto de inconsistências internas. Quando uma pessoa, o terapeuta, "trata" outra, o paciente, subentende-se desde o início que o par do tratamento, os dois que formam a aliança terapêutica, não são iguais ou aliados por inteiro; um está angustiado e muitas vezes desorientado, enquanto o outro deve utilizar suas aptidões profissionais para desenredar e examinar objetivamente as questões que

existem por trás da angústia e desorientação. Além disso, o paciente paga quem o trata. A própria palavra tratar implica uma não-igualdade. "Tratar" alguém como um igual envolve uma desigualdade que o terapeuta deve superar ou esconder, comportando-se como se o outro fosse um igual [27, p. 235]

Will the patient ask, "Do you love me?" "If you really care for me, would you see me if I had no money?" "Is therapy really a purchased relationship?" It is true that these questions veer perilously close to that ultimate secret of the psychotherapist which is that the encounter with the patient plays a relatively small role in the therapist's overall life [26, p. 415].

Yalom reconhece essas inconsistências, relativas à não-igualdade, ao pagamento, ao tempo predeterminado, dizendo que elas não podem ser negadas ou ignoradas. A questão que permanece é se elas afetam —e se sim, como— a autenticidade do encontro e o cuidado genuíno, elementos que Yalom também reconhece e considera essenciais na relação terapêutica.

A relação terapêutica é posicionada pelo psicoterapeuta? Uma diferenciação entre relação e relacionamento.

As formas como esses estudiosos da relação psicoterapêutica a posicionam possuem aspectos semelhantes entre si, valorizando a presença autêntica, uma postura empática, uma preocupação genuína. Notamos como tais observações se detêm mais no polo do terapeuta, especificando as disposições por parte deste capazes de proporcionar uma relação terapêutica. Assim, ainda que se contraponham a tecnicismos, que suas recomendações para os psicoterapeutas não sejam exatamente técnicas, partem da ideia de que esse polo da relação pode posicioná-la. Isso implica em uma relação intersubjetiva, ou seja, que se encontra entre duas subjetividades.

Quando se considera a relação como intersubjetiva e se estabelece que uma de suas partes pode posicioná-la, julgamos que não está em jogo a relação propriamente dita, mas sim um recorte. O que queremos defender aqui é a relação (e não o relacionamento), o «entre» e não a interação de duas partes.

Por isso, consideramos que a relação é o elemento mais originário e que, para compreendê-la, precisamos iniciar no entre e não nas partes interessadas, isto é, analista ou analisando. No entanto, sabemos como é árdua a tarefa de permanecer no entre. Torna-se mais difícil ainda por estarmos totalmente tomados pela máxima da modernidade que diz respeito ao binômio sujeito e objeto.

Considerações finais

Um caminho pelo qual podemos tentar permanecer na relação propriamente dita pode ser pensado quando nos inspiramos nos estudiosos da filosofia que também quiseram se deslocar da dicotomia eu-mundo. Eles o fizeram dando relevo àquilo que chamam de mais originário, ou seja, a relação. Nesse sentido, Husserl [11] propõe a intencionalidade como o espaço da própria relação. Heidegger [10], em uma radicalização de noção de intencionalidade husserliana, propõe o *Dasein* (ser-ai) apontando para a copertença homem-mundo. Feijoo [7] segue nesse mesmo rumo para pensar a relação clínica.

Desenvolvimentos dessa temática na clínica psicológica podem se basear, portanto, nas considerações de Feijoo [7], uma autora também da abordagem existencial em Psicologia. Assim como Rogers, May e Yalom, ela também considera a relação o que há de mais importante na psicoterapia. Porém, para Feijoo, a relação importa porque é nela que o modo como a pessoa articula as relações aparece, e não necessariamente porque na relação se cumprem ideais de presença, preocupação e aceitação por parte do terapeuta.

Feijoo [6] aponta para a impossibilidade de alcançar uma descrição e prescrição sobre o «como» da relação propriamente dita. Para poder mostrar a sua tese de que é no «entre» que encontramos aquilo que acontece na clínica psicológica, a pesquisadora recorre ao modo de pensar dos gregos homéricos. Feijoo [7] mostra como a possibilidade da desmedida já aparecia para os gregos antigos não como o desvio de uma norma ideal de conduta, mas como *hybris*, na tensão existencial entre o apolíneo e o dionisíaco. O

herói trágico experimentava toda a sua agonia justamente pela perda da medida existencial, ou seja, quando não a enxergava, mesmo que ela se encontrasse à sua frente.

Assim, a tensão entre desmedida e medida, *hybris* e *métron*, estabelecia-se entre forças que definem, limitam e dão contornos (tendência apolínea) e forças de criação e renovação (tendência dionisíaca). Na modernidade, no entanto, essa tensão é ofuscada, argumenta Feijoo:

En el mundo moderno, lo que es más primario, o sea, el juego de la existencia, se oscurece, abriendo un espacio para que se sedimenten medidas externas. Así, la medida transformada en normas establece cómo debe ocurrir la vida. La conquista del espacio existencial, que se conjuga con las posibilidades del hombre en juego con sus necesidades, pasa a restringirse al empezar a comportarnos del modo en el que el mundo dice que debemos ser. Entonces, la vida empieza a regularse por los diversos poderes, que se fortalecen con el aval de la ciencia [7, p. 32]

Em seu estudo, referindo-se ao mundo moderno, Feijoo [7] considera a psicoterapia e a arte como atividades as quais resguardam a possibilidade de resgate da medida existencial. Nesse sentido, reconhecendo o risco de a psicoterapia assumir um caráter normativo e buscando sustenta-la como espaço de conquista da medida existencial, a autora escreve:

Para salir de la idea de la clínica psicológica como un medio para un fin y como acción eficiente del psicoterapeuta, necesitamos en primer lugar desconfiar de las medidas normativas; posteriormente, tardarnos en pensar en verdades puestas y entonces ser capaces de ver la experiencia del que está ante nosotros. Así, permanecemos en el carácter sensible de la existencia (relación) para que la medida pueda aparecer [7, p. 27].

Feijoo [6], para deixar clara a sua tese de que já se apresenta no título *A Clínica Psicológica: “Sei que é difícil, mas eu vou falar mesmo assim”*, dialoga com a Literatura e acompanha o que diz Clarice Lispector sobre o milagre:

Para passar de uma palavra física ao seu significado, antes destrói-se a em estilhaços, assim como o fogo de artifício é um objeto opaco até ser, no seu destino, um fulgor no ar e a própria morte. Na passagem de simples corpo a sentido de amor, o zangão tem o mesmo atingimento supremo: ele morre [14, p. 246].

Desse modo, inspirados pelo que Clarice nos mostra sobre o milagre, concluímos que toda tentativa de objetivar a relação clínica para poder prescrever o como dessa relação é insuficiente, justamente porque, ao tentar segurá-la, a relação ela mesma desaparece. Nas palavras de Feijoo:

Há um tipo de apreensão em que apreender é diferente de entender, assim como ter é dife-

rente de deixar ser. Assim é a relação clínica ao tentar explicá-la ou detê-la de modo a alcançar uma equação lógica que a torne passível de repetição, a perdemos. É preciso apreender por outra medida que não seja a do ter. Por que dominar pela explicação é acabar com o milagre [6, p. 28].

Com a relação terapêutica assumida dessa forma, não se espera uma relação pura, imaculada, ou que o psicoterapeuta cumpra ideais de incondicionalidade ou autenticidade. Pode-se reconhecer que a relação ocorre no entre, e não na interação de duas partes. Portanto, a relação psicoterapêutica se configura não como um resultado de certas disposições do psicoterapeuta, mas como um espaço onde se sustenta a possibilidade de aparecimento da medida existencial.

Referências

1. Berry-Smith SF. Death, freedom, isolation and meaninglessness and the existential psychotherapy of Irvin D. Yalom [dissertation]. Auckland: Auckland University of Technology; 2012. Available from: <https://openrepository.aut.ac.nz/handle/10292/4611>
2. Bugental JFT. Humanistic psychology: A new breakthrough. *Am Psychol.* 1963;18(9):563-67. DOI: 10.1037/h0048666
3. Bugental JFT. The Third Force in Psychology. *J Humanist Psychol.* 1964;4(1):19-26. DOI: 10.1177/002216786400400102
4. Correia E, Cooper M, Berdondini L. Existential Psychotherapy: An International Survey of the Key Authors and Texts Influencing Practice. *J Contemp Psychother.* 2015;45:3-10. DOI: 10.1007/s10879-014-9275-y
5. DeCarvalho RJ. A history of the "third force" in psychology. *J Humanist Psychol.* 1990; 30(4):22-44. DOI: 10.1177/002216789003000403
6. Feijoo AMLC. A clínica psicológica: "Sei que é difícil, mas eu vou falar mesmo assim". Em: Feijoo AMLC, Vorsatz I, Medeiros Fernandes Lessa MB. Poesia e prosa em diálogo com a clínica psicológica. Rio de Janeiro: Edições IFEN; 2021. p.7-23.
7. Feijoo AMLC. Hybris y psicoterapia como posibilidad de rescate de la medida existencial. Em: Feijoo AMLC, Medeiros Fernandes Lessa MB. Fenomenologia e Práticas Clínicas III. Rio de Janeiro: Edições IFEN; 2021. p.9-38.
8. Feijoo AMLC, Mattar CM. Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia. *Psicol Rev.* 2016;22(2):258-74. DOI: 10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P258
9. Freud S. Freud: Resumo das obras completas [1940]. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu; 1984.
10. Heidegger M. Ser e tempo [1927]. São Paulo: Vozes; 1998.
11. Husserl E. Investigações lógicas [1901]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; 2007. Vol. 1-2.
12. Jacintho FN. Irvin D. Yalom psicoterapeuta Aspectos teórico-práticos de sua abordagem existencial/humanista. *Fac Sant'Ana Rev.* 2019;3(1):4-20. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/573>
13. Kirschenbaum H, Jourdan A. The Current Status of Carl Rogers and the Person-Centered Approach. *Psychotherapy (Chic)* 2005;42(1):37-51. DOI: 10.1037/0033-3204.42.1.37
14. Lispector C. Palavras apenas fisicamente. Em: Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco; 2018. p.246
15. May R. The Origins and Significance of the Existential Movement in Psychology. In: May R, H. F. Ellenberger HF, Angel E, eds.

- Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology New York: Basic Books; 1958. p.3-36.
16. May R. O Surgimento da Psicologia Existencial. Em: May R, edit. Psicologia existencial. 4º ed. Rio de Janeiro: Editora Globo; 1986. p.1-56
 17. May R. The discovery of being: Writings in Existential Psychology New York: Norton & Company; 1994.
 18. Neres EO, Freires W, Silva SF, Barreto AC. A relação terapêutica empática na perspectiva humanista: uma análise na abordagem rogeriana. Quixadá: Centro Universitário Católica de Quixadá; 2019. vol 4, art. 1. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/view/2645>
 19. Ratner J. Rollo May and the Search for Being: Implications of May's Thought for Contemporary Existential-Humanistic Psychotherapy. *J Humanist Psychol.* 2015;59(2): 252-68. DOI: 10.1177/0022167815613880
 20. Rice LN, Greenberg LS. Humanistic Approaches to Psychotherapy. In: Freedheim DK, Freudemberger HJ, Kessler JW, Messer SB, Peterson DR, Strupp HH, et al. History of psychotherapy: A century of change. Washington: American Psychological Association; 1992. p.197-224. DOI: 10.1037/10110-005
 21. Rogers C. Duas Tendências Divergentes. Em: May R, edit. *Psicologia Existencial*. 4º ed. Rio de Janeiro: Editora Globo; 1986. p.97-106
 22. Rogers C. Tornar-se pessoa. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes; 2017.
 23. Rogers CR. The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change. *J Consult Psychol.* 1957;21(2):95-103. DOI: 10.1037/h0045357
 24. Rogers CR. A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. In: Koch S, edit. *Psychology: A Study of a Science*. New York: McGraw-Hill; 1959. vol.3,p184-256
 25. Schmid PF. "A Kind of Liking Which Has Strength" (Carl Rogers) Does person-centred therapy facilitate through love? In: Bazzano M, edit. *Re-visioning Person-centred Therapy: Theory and Practice of a Radical Paradigm*. Londres: Routledge; 2018. p.192-208
 26. Yalom ID. *Existential Psychotherapy*. New York: Basic Books; 1980.
 27. Yalom ID. *O Carrasco do Amor*. Rio de Janeiro: Ediouro; 2007.
 28. Zalbidea MA, Carpintero H, Mayor L. Condiciones del surgimiento y desarrollo de la Psicología Humanista. *Rev Filos (Madr)*. 1990;3:71-82. Disponible en: <https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/RESF9090120071A>